

## A sala branca

MILTON FAGUNDES DA SILVA

Ulisses estava cuidando da casa. Denise estava deitada. Lúcio estava com a esposa e o filho. Angélica estava se adaptando à nova casa, ao novo companheiro e aos filhos. Uma família como qualquer outra, tão desestruturadamente estruturada em mágoas, brigas, ofensas, dívidas, vergonha, humilhações, ostentação e aparências. Intimidades reveladas em múltiplos prismas reluzentes e transparentes. Uma casa branca, com a parede branca, azulejos brancos, um aquário branco, flores brancas... Uma sala cheia. Uma porta de vidro frágil, o sofá onde Denise passava horas deitada encarando o relógio, o ar-condicionado ligado, o vestido simples, as duas televisões na mesma sala, os vários artefatos, os muitos porta-retratos, o rádio, o ventilador e a janela que dava para o quintal. A cozinha redecorada. O novo quarto em construção à espera de Denise. Agora que Angélica não estava mais na casa, as coisas melhorariam. Um tapete sujo por baixo. A poeira da obra. A poeira das histórias. A poeira do silêncio.

Denise estava bem irritada com Ulisses: ele poderia estar fazendo algo para mudar aquele seu quadro grave. Há meses na mesma situação. Um vai e vem, um vem e vai, e ela no mesmo lugar. Dependia da caridade alheia – talvez fosse sua culpa, talvez não. Ana Alice havia sugerido que a mãe fosse morar com ela, tentasse uma nova vida, um recomeço – elas haviam falado disso na mesma cama –, mas Denise não quis escutar a filha que, dias depois, precisou voar de volta para sua casa. Passaram horas e dias conversando a respeito de mudanças. Ana Alice sabia que nada mudaria, mas teve que insistir para ficar em paz. Denise estava feliz com a sua visita. Dava para ver o seu olhar de felicidade, enquanto a filha, que fora separada de seus braços, ajudava-a a se alimentar. Há anos isso não acontecia... Provavelmente nunca aconteceu, pois a relação entre as duas era delicada: mãe e filhas ligadas pelo sangue, pela culpa e pelo perdão que talvez nunca pudesse uni-las. Elas estavam ali, contudo, juntas pela dor. Denise e Ana Alice. Mãe e filha muito parecidas e que trilharam

caminhos distintos. Denise a olhava com aquele sorriso escondido que apenas ela tinha. Aquele olhar que nunca mais seria visto.

Alguns gatos saiam da parede a cada dois bipes. Olhava para um lado, olhava para o outro. Uma parede, uma cortina e uma abertura à sua frente que ia se estreitando e ficando cada vez mais distante. Angélica estava ali, tão perto e ao mesmo tempo distante. Ela não vinha me ver de jeito nenhum. Ela estava pulando em algum lugar. Fugindo? Nervosa com sua nova casa, os filhos e o novo companheiro. Digam que quiser, eu nunca vou poder aceitar; afinal, o meu genro se chama Diego. Foi ele que Deus colocou na minha vida, estando certo ou errado. Foi com ele que minha filha decidiu se casar há mais de vinte anos atrás e, para mim, casamento é para sempre. Eu não aceito. E também não entendo o seu tio – não conte isso para ninguém... Que isso não saia daqui, mas ele fez isso aqui comigo – Denise coloca a mão na boca e no nariz simulando uma asfixia. Ele fez isso agora – sua voz sussurrava bem baixinho. Ulisses tentou me matar, e eu peguei uma faca, e ele não me deixou voltar a respirar até eu deixar a faca cair no chão.

As confissões de Denise não eram constantes – ou eram? Bastava ela perceber que podia confiar em você para que ela descarregasse tudo aquilo que a sufocava. Os gatos negros não paravam de sair da parede, Angélica estava escondida e havia muita gente no quarto – todos choravam em sua volta. Todos queriam falar com ela ao mesmo tempo, queria ela a todo custo, e ela ficava nervosa com aquele tumulto. Era demais para ela: o barulho, aquelas presenças, aquelas vozes todas de uma só vez. Ela debatia-se sobre a cama, tentou livrar-se de tudo, mas Ana Alice já tinha partido. Ana Alice estava realmente distante, e Angélica escondida, tão perto e distante, naquele corredor estreito. Ela não fora ver a mãe. Ela revirava pela cama. Brigava com os médicos e as enfermeiras e arrancava os aparelhos e chorava e chorava e gritava. Talvez estivesse magoada com Ulisses, por ele não acreditava em sua dor – era de verdade, doía de verdade, todos os anos e falsas verdades a magoaram de verdade. A verdade. Apenas uma de duas. Angélica, de fato, escondia-se e escondia uma delas e, por isso, saiu de casa. E, por isso, não podia perdoar o pai que, ao ser descoberto, sufocou a filha também. Agora nós viveríamos em paz, ele prometeu.

Ulisses a abanava com um pedaço de jornal. O ventilador não era suficiente. O lugar tinha mal cheiro, pois outras pessoas estavam como Denise. Enquanto ele a abanava, seu coração doía, pois sabia o que aconteceria depois. Ele teria que lidar com a vergonha, ou com a dor, a vergonha – sempre a vergonha – e o remorso. A culpa que se intensificava enquanto ele abanava a esposa sobre a cama. Denise estava com as mãos cruzadas sobre a barriga, sobre o plástico da fralda, olhando para o lado oposto, sem querer ver o marido, lembrando-se do dia em que a faca caiu de sua mão, do dia em que ele a fez escolher entre ele e Ana Alice, dos dias que ele lhe negava dinheiro, que a proibia de sair de casa, que marcava a hora e o dia em que ela deveria voltar para casa após visitar Ana Alice, das vezes em que ela era obrigada a ir para cama com ele, do dia em que ele aceitou – com muita má vontade – Ana Alice em sua casa, que a maltratou e a expulsou. O vínculo com Ana Alice jamais seria restituído. Não haveria tempo suficiente para que elas pudessem se perdoar e recomeçar. Os gatos negros continuavam a sair da parede que ficava menos estreita e as pessoas não saíam de seu quarto. Ulisses a abanava com mais intensidade, pegava-a pelos braços, sacudia, gritava, corria... Estava magro e abatido demais. Ele sabia que havia algo mais, algo que Denise não poderia saber, pois seria demais. Seria um segredo sepultado por ele, Angélica e Lúcio – e alguns outros familiares que já sabiam do segundo adultério. Ele estava abatido, por dentro estava sendo consumido por completo também. E ele também não tinha estômago para lidar consigo mesmo e a esposa naquela situação. Todos os anos de humilhações, xingamentos, avareza, sufoco, omissões e mentiras.

A casa escurecia enquanto o dia amanhecia. Restava apenas o corpo deitado e abandonado sob a luz do sol quente. O corpo sobre uma pedra que se decompunha com o calor. O corpo gelado, vazio e sereno. Todos à sua volta numa casa escura, com muitos outros corpos vazios cujos olhos perdiam-se no nada e nada mais poderiam dizer. Todos à sua volta, muitos outros iam chegando, e, entre cânticos que pouco acalentavam, lágrimas que não se secavam, Denise ia se afastando. Angélica e Lúcio. Angélica não sabia o que dizer à mãe durante a partida. Lúcio estava inconformado. Lúcio entregava-se à mãe, aos vários anos que ela se dedicou a ele, aos vários anos que ela o tratou como o seu único príncipe, e às várias promessas e planos que ela lhe fez enquanto ela estava no quarto branco. Angélica, perdida

em seus pensamentos, numa força absurda estava intacta, com os cabelos intactos, calada e escutando as vozes em sua mente que a faziam recordar de todas as desavenças que ela e a mãe tiveram. Lembrou-se de quando estava casada, de quando iam à igreja juntas, de quando a mãe religiosamente ia visita-la para ver se tudo ia bem em seu casamento, das vezes em que a mãe, mesmo sem o dinheiro da condução, ia até a sua casa para lhe fazer companhia, de quando a mãe brigou com Ana Alice por sua causa, de como ela ficava indignada com o fato de sua mãe não saber fazer doces, apenas salgados, de que a mãe nunca mais daria aqueles berros com seus filhos malcriados. Ela nunca mais se diria avó. Ela nunca mais olharia torto para Angélica, que nunca mais levaria uma bronca pesada da mãe. O seu novo caso, que não mais precisaria ser às escuras, não incomodaria à matriarca da família. Sua mãe não estaria mais ao seu lado, incomodando. Angélica não sabia o que sentir, nem mesmo o que fazer. Angélica apenas queria estar sentada e se manter intacta até que a mãe se afastasse por completo e se tornasse apenas uma memória fúnebre e dolosa. Alguns gritos, lágrimas insecáveis, a dor que corroía a todos e que colocavam todos nós em nossos lugares: em volta do corpo de Denise.

Seguimos em frente e ela não mais estava conosco. Os gatos tinham ido embora. As paredes não estavam tão estreitas. A fachada da casa permanecia branca, reluzente e ofuscante – Ulisses percebeu isso sentado no banco branco de sua varanda, enquanto algumas lágrimas se acumulavam em seus olhos. A escada que ia para o terraço onde aconteciam as grandes festas da família estava escura. As paredes da sala não eram as mesmas: estavam amareladas. Os quadros esvaneciam com o passar das horas. Os porta-retratos tinham caído no chão. As televisões da sala e o rádio permaneciam desligados. A bíblia fechada. O chão ainda limpo. A cozinha com alguns mantimentos. Os potes e panelas no mesmo lugar onde Denise queria. O quarto amarelado. Uma presença vazia que apertava os corações tal como uma mão sufocava um pescoço inimigo. Um vazio dia após dia. A casa de Ulisses. Os filhos vinham às vezes. Ana Alice nunca mais deu notícias – embora Ulisses continuasse a esperar uma ligação para que ele pudesse, talvez, do seu jeito, se redimir e pedir perdão. A casa branca apenas por fora amarelava e escurecia. Passávamos na rua e sentíamos um leve ímpeto de condolência. Éramos sempre colocados em nossos lugares a

cada vez que olhávamos aquela linda casa. Sem gatos negros, sem Angélica, sem Lúcio, sem Ana Alice, sem o cheiro da comida, sem a agonia. Apenas a partida de Denise, os dias de Ulisses e um potinho onde, após tantas folhas secas, uma nova flor desabrocha – e as horas custam a passar.

## SOBRE O AUTOR

**Milton Fagundes da Silva** é doutor em Literatura Comparada pelo Programa de Pós-graduação em Estudos de Literatura da Universidade Federal Fluminense (UFF), e mestre em Estudos Literários, pela mesma universidade. Possui Licenciatura Plena em Letras: Português/ Inglês, pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). É professor de língua inglesa do quadro permanente da SME da Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, e também da SEEDUC do Estado do Rio de Janeiro. Atualmente bolsista do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), atuando como professor supervisor. Entre 2022 e 2024, foi bolsista do Programa de Residência Pedagógica, subprojeto Língua Inglesa, tendo atuado como preceptor. Em 2018, foi bolsista do Programa de Desenvolvimento Profissional para Professores de Língua Inglesa (PDPI) nos EUA, financiado pela Capes/ Fulbright, matriculado na Ohio University. Em 2014, foi bolsista do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID). Seus principais interesses de estudo são: (i) questões de Identidade Cultural em Literaturas de Língua Inglesa; (ii) inter-relações entre Poesia Afro-americana, História e Memória; (iii) formação de professores; e (vi) formação de leitores literários na educação básica.